



Os jornalheiros Gabriel e Aldenico garantem: a urna foi bem guardada e não houve qualquer fraude

Prévia na SQS 316 acaba collorida ³²

CATARINA GUERRA

Se as eleições presidenciais tivessem sido realizadas durante a semana que passou e votassem apenas os moradores da SQS 316, não haveria sequer segundo turno. Uma prévia organizada pela banca de jornal da quadra revelou que mais de 50 por cento dos eleitores que moram lá pretendem votar no candidato do PRN, Fernando Collor de Mello. Dos 312 votantes, 161 declararam seu voto para Collor, 37 para o candidato do PDT, Leonel Brizola, 23 para Mário Covas (PSDB), 19 para Aureliano Chaves (PFL), 17 para Lula (PT), 12 para Afif Domingos (PL), 8 para Ulysses Guimarães (PMDB) e 5 para o comunista Roberto Freire.

Na 316 Sul moram ministros dos tribunais superiores, procuradores, generais reformados, altos funcionários do Governo, ex-

ministros de Estado, como Almir Pazzianotto, e até ministros em exercício, como o das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães. A quadra tem 11 blocos de 36 apartamentos cada. São 396 apartamentos, o que representa uma população estimada de 1 mil 500 pessoas. O quorum, portanto, foi baixo — pouco mais de 20 por cento —, mas é um percentual significativo se for levada em conta a homogeneidade do universo pesquisado, em relação à escolaridade e renda familiar.

Os idealizadores da prévia foram os proprietários da banca de jornais da quadra, Aldenico Cavalcante de Vasconcelos e seu filho, Gabriel. Eles estão há dez anos e com frequência são os primeiros a ouvir os comentários e desabafos dos moradores, quando estes lêem as manchetes dos jornais. Por isso, seus clientes sempre lhes perguntavam

sobre quais seriam os presidenciais mais fortes e, para ter condições de dar uma resposta mais precisa, Gabriel resolveu fazer as prévias.

A urna foi improvisada com uma caixa de sorvete, de papelão. Mesmo sem cabine fechada de votação, os donos da banca garantem que os votos foram todos secretos. A votação durou uma semana inteira, mas eles asseguram que ninguém votou mais de uma vez. “A gente conhece todo mundo aqui, e o pessoal levou a sério a eleição. Não houve fraude”, insiste Gabriel.

O voto foi espontâneo, ou seja, a cédula de votação era um papel em branco mas, para auxiliar os indecisos ou desinformados, Gabriel colocou na urna uma matéria do jornal do Estado de S. Paulo com a lista de doze presidenciais. A lista incluía, além dos oito mais votados, outros quatro: Ronaldo Cala-

do (UDR), que recebeu 3 votos, Jânio Quadros, com 2 votos, Paulo Maluf (PDS), também com 2 votos e Afonso Camargo (PTB), com nenhum voto.

Segundo Gabriel, pouquíssimos jovens da quadra se interessaram em votar. Um deles foi Octávio Augusto, 18 anos, filho de um assessor do Ministério da Fazenda. Octávio votou em Mário Covas, porque “ele é parlamentarista, é de esquerda, mas não muito radical, e tem boa bagagem cultural”.

Os organizadores da prévia também votaram: ambos deram seu voto para Collor. Aldenico, que se orgulha por ter ajudado a eleger Jânio Quadros em 1960, confessa que reserva o seu voto para o favorito nas pesquisas. “Eu sempre faço uma previsão e voto no que vai ganhar”, revela ele. Seu filho Gabriel, que vota pela primeira vez, diz que escolheu Collor “para acompanhar o pai”.